



# CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga  
Presidente do ISB

Artigo nº 99/2010  
Contatos: secretaria@isb.org.br

## O FILME DO MANDELA

Há filmes para entreter, para alegrar, há filmes para tensionar, suspender a respiração, há filmes para emocionar, fazer chorar, para contar parte da História da Humanidade, para contemplar a beleza, e há filmes feitos para pensar, para filosofar. Evidentemente, bons e maus filmes há em cada uma dessas categorias. Para mim, pessoalmente, os de fazer pensar são os mais interessantes.

Pois o filme do Mandela, "Invictus" (o nome de um poema que ele escreveu na prisão), é um desses que dá para pensar durante muito tempo depois de assistir. E que também dá para emocionar em vários momentos: fiquei feliz com o artigo elogioso de Zuenir Ventura, contrariando os especialistas do cinema.

Não sei se na história do mundo há exemplo de dificuldades políticas de grandeza e complexidade comparáveis às que foram enfrentadas pelo grande líder africano, quando assumiu a presidência do seu país. Era um país novo, isto é, deveria ser um país novo, formado pelo amálgama de duas nações inimigas que habitavam o mesmo território. Negros e brancos, durante o longo período de vigência de "apartheid", desenvolveram uma hostilidade recíproca carregada de ódios e ressentimentos de tal monta que não parecia possível a constituição de uma nação democrática que unisse as duas partes, os dois povos cheios de um rancor tão vivo. E uma democracia que teria, ademais, a hegemonia política do grupo mais numeroso, o dos negros, oprimido violentamente até a véspera, submetido a uma condição de pobreza material e cultural verdadeiramente africana.

Não seria possível, o prognóstico era o mais derrotista. Se o eleito era um negro, não tinha cultura e nem inteligência bastante; se era um presidiário, não tinha respeito à lei e era violento. Como poderia governar? O pensamento da elite era unânime, nós mais ou menos o conhecemos. E entretanto foi feito; deu certo. Como?

Os marxistas ortodoxos rejeitam qualquer hipótese de influência decisiva do indivíduo na feitura da História. Não sei como explicarão o fenômeno da transformação tão profunda naquele grande país, da viabilização tão improvável da democracia sul-africana em tempo tão curto. Na minha apreciação, que não é nada científica, não sou cientista político ou social, na minha modesta opinião, não se teria feito sem a extraordinária liderança de Nelson Mandela, de sua compreensão histórico-filosófica do país, da sua sensibilidade e habilidade políticas, e, sobretudo, de sua força moral.

O filme de Clint Eastwood retrata bem todo o conjunto de complicações e condições adversas que o líder teve de enfrentar, impondo-se, por vezes de forma autoritária, usando seu cabedal de autoridade junto ao seu próprio povo, para fazê-lo aceitar a irmandade com os carcereiros de até há pouco. Em nome da construção da nação, do destino da nação, da grandeza da nação que estava então sendo forjada no sentimento de perdão e de unificação, e no caminho realmente democrático.

O episódio central do filme está no campeonato mundial, realizado na África do Sul, de um esporte que até então era só dos brancos, o rúgbi, um esporte de ferocidade incomparável que, para a grande maioria negra, amante do nosso belo futebol-arte, bem simbolizava a brutalidade dos africaners e seu regime de apartheid. Os negros viajavam a seleção branca de rúgbi e a seleção, afundada em fracassos, era considerada aliada de qualquer possibilidade de sucesso na copa, dificilmente podendo chegar às quartas de final, mesmo jogando em casa.

---

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo  
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702  
e-mail: secretaria@isb.org.br



# CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga  
Presidente do ISB

Artigo nº 99/2010  
Contatos: secretaria@isb.org.br

O líder enxerga no caso um momento histórico para alavancar a unificação do sentimento nacional. Toma-o como caso exemplar e se joga na tarefa de inculcar, junto à massa dos negros, não só o interesse pelo rúgbi, mas a afeição, e até o entusiasmo pela seleção branca (só tinha um negro), que era o time nacional.

“Cálculo político?”, pergunta, confusa, a negra secretária fiel de todos os dias.

“Cálculo humanístico”, responde o líder em clave maior.

E consegue seu intento: sob a manifestação entusiástica da torcida nacional, que agora unia brancos e negros e crescia de jogo para jogo, contrariando todas as previsões técnicas, a seleção sulafricana conquista o título mundial!

A República da África do Sul é hoje uma das nações mais prestigiosas do mundo, parceira do Brasil e da Índia neste G-3 emergente que é escutado com atenção e brevemente comporá o Conselho de Segurança da ONU no seu quadro permanente. É uma democracia plena, que integra todas as suas etnias. Quem poderia dizê-lo no fim dos anos oitenta do século findo, quando todo o mundo lhe dava as costas?

O grande condutor dessa metamorfose política espantosa, sem precedentes, viveu 27 anos de sua vida encarcerado pelos opressores, submetido a trabalhos forçados. E na hora precisa foi o líder do grande perdão que cimentou a nova nação. Seu nome, Nelson Mandela, está inscrito no Panteão dos maiores líderes políticos da Humanidade, na ala mais elevada deste Panteão, que é a dos Príncipes da Paz, acima dos guerreiros e dos revolucionários, ao lado de Gandhi e de Luther King. E onde está Jesus, o maior de todos.

---

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo  
Rio de Janeiro - RJ

[www.isb.org.br](http://www.isb.org.br)

Tel: (21) 2285-3702  
e-mail: [secretaria@isb.org.br](mailto:secretaria@isb.org.br)